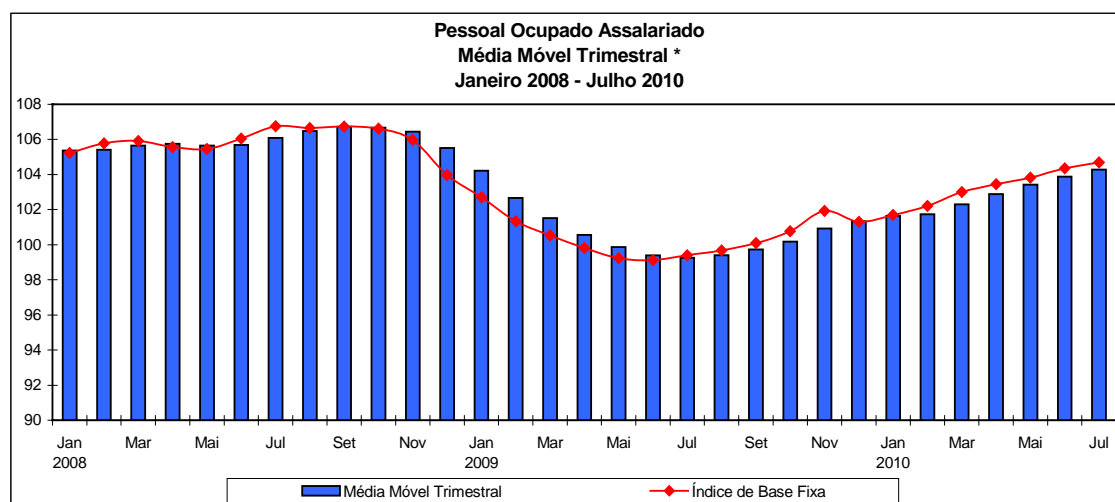


COMENTÁRIOS

PESSOAL OCUPADO ASSALARIADO

Em julho de 2010, o total do pessoal ocupado no setor industrial avançou 0,3% frente ao mês anterior, na série livre de influências sazonais, sétima taxa positiva consecutiva, acumulando nesse período expansão de 3,3%. Com esses resultados, o índice de média móvel trimestral entre os trimestres encerrados em junho e julho apontou variação positiva de 0,4% e prosseguiu com a trajetória ascendente iniciada em julho de 2009.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria
*série com ajuste sazonal

Na comparação com igual mês de 2009, o total do pessoal ocupado na indústria avançou 5,4%, sexta taxa positiva consecutiva nesse tipo de confronto e a mais elevada desde o início da série histórica. Com isso, o indicador acumulado nos sete primeiros meses do ano registrou crescimento de 2,9%, acelerando frente ao fechamento do primeiro semestre (2,5%). A taxa anualizada, índice acumulado nos últimos doze meses, acentuou a redução na intensidade de queda iniciada em dezembro do ano passado, ao passar de -1,5% em junho para -0,5% em julho.

No índice mensal de julho de 2010, o emprego industrial cresceu 5,4%, com todos (14) os locais investigados assinalando taxas positivas. O principal impacto no total nacional ficou com São Paulo (3,9%), seguido por região Nordeste (7,7%), região Norte e Centro-Oeste (8,1%), Rio Grande do

Sul (7,1%), Rio de Janeiro (9,0%) e Minas Gerais (4,4%). No primeiro local, houve acréscimo em treze setores, com destaque para meios de transporte (7,6%), máquinas e equipamentos (7,7%), têxtil (13,1%) e máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (8,5%). Na região Nordeste, os ramos que mais influenciaram positivamente foram alimentos e bebidas (8,3%) e calçados e couro (15,2%), enquanto na região Norte e Centro-Oeste sobressaíram os segmentos de minerais não metálicos (40,7%), alimentos e bebidas (3,2%) e máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (16,2%). No Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e em Minas Gerais, as principais contribuições positivas vieram, respectivamente, dos setores de máquinas e equipamentos (21,7%) e meios de transporte (16,3%), no primeiro local; alimentos e bebidas (21,5%), produtos de metal (31,8%) e meios de transporte (12,0%), no segundo; e produtos de metal (28,3%) e meios de transporte (14,7%), no último.

No total do país, ainda na comparação com igual mês do ano anterior, a maioria (14) dos dezoito segmentos pesquisados ampliou o contingente de trabalhadores, com destaque para as influências positivas vindas de máquinas e equipamentos (11,7%), meios de transporte (8,8%), produtos de metal (10,5%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (9,5%), calçados e couro (8,8%), alimentos e bebidas (2,3%), têxtil (9,2%) e metalurgia básica (13,1%). Por outro lado, entre os quatro ramos que apontaram queda, os setores de vestuário (-1,3%) e de madeira (-3,0%) foram os que exerceram os impactos negativos mais relevantes.

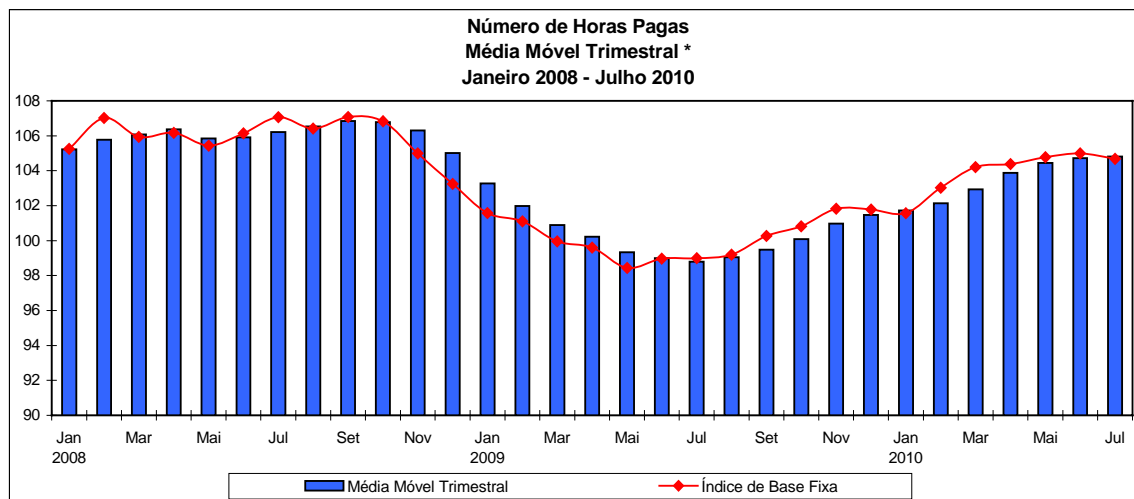
No indicador acumulado nos sete primeiros meses do ano, o nível de emprego na indústria foi 2,9% maior que em igual período do ano passado, resultado apoiado no crescimento dos quatorze locais e de quatorze dos dezoito ramos investigados. Entre os locais, São Paulo (2,5%), região Nordeste (4,9%), Rio Grande do Sul (3,8%), região Norte e Centro-Oeste (3,8%), Ceará (8,3%), Rio de Janeiro (4,6%) e Santa Catarina (2,8%) exerceram as influências positivas mais significativas sobre a média global. Setorialmente, no total do país, as principais contribuições

positivas ficaram com alimentos e bebidas (2,1%), máquinas e equipamentos (5,1%), calçados e couro (6,6%), produtos de metal (5,1%), têxtil (6,6%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (5,9%), meios de transporte (3,5%) e borracha e plástico (4,4%). Por outro lado, madeira (-7,8%) e vestuário (-1,6%) permaneceram apontando as pressões negativas mais importantes.

Em síntese, o emprego industrial permaneceu em julho com o quadro de taxas positivas nos diferentes tipos de comparações. Na evolução dos índices ajustados sazonalmente observa-se a manutenção da sequência de taxas positivas, tanto na comparação com o mês imediatamente anterior como no indicador de média móvel trimestral. No confronto com igual mês de 2009, os resultados continuaram positivos pelo sexto mês, com o índice mensal (5,4%) alcançando a taxa mais elevada desde o início da série histórica, refletindo não só o aumento nas contratações em 2010, mas também a baixa base de comparação, decorrente dos efeitos da crise econômica internacional. No indicador acumulado nos sete primeiros meses do ano também se observa perfil generalizado de crescimento, atingindo todos os locais e a maior parte dos setores investigados.

NÚMERO DE HORAS PAGAS

Em julho de 2010, descontados os efeitos sazonais, o número de horas pagas aos trabalhadores da indústria mostrou variação negativa de 0,3% frente ao mês imediatamente anterior, após cinco meses apontando taxas positivas, período em que acumulou expansão de 3,4%. Com esses resultados, o índice de média móvel trimestral assinalou ligeira variação positiva (0,1%) entre os trimestres encerrados em junho e julho, e manteve a trajetória ascendente iniciada em julho do ano passado.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria
*série com ajuste sazonal

Nas comparações com iguais períodos do ano anterior, os resultados prosseguiram positivos: 5,7% no índice mensal, taxa mais elevada da série histórica, e 3,8% no acumulado dos sete primeiros meses do ano. O indicador acumulado nos últimos doze meses apontou variação de 0,1%, primeiro resultado positivo desde fevereiro de 2009, e manteve a trajetória ascendente iniciada em novembro de 2009 (-5,4%).

O número de horas pagas avançou 5,7% em julho de 2010 frente a igual mês do ano anterior, com taxas positivas em todos (14) os locais pesquisados. O principal impacto sobre a média global foi assinalado por São Paulo (5,2%), influenciado em grande parte pelos setores de alimentos e bebidas (8,7%), de meios de transporte (11,4%) e de máquinas e equipamentos (9,5%). Em seguida, vale citar também os resultados positivos vindos da região Norte e Centro-Oeste (9,4%), por conta dos avanços em minerais não metálicos (42,9%), alimentos e bebidas (3,0%) e produtos de metal (22,8%); região Nordeste (6,6%), em razão de alimentos e bebidas (8,2%) e calçados e couro (14,5%); e Rio Grande do Sul (6,4%), devido ao maior número de horas pagas nas indústrias de máquinas e equipamentos (24,1%), de meios de transporte (13,6%) e de borracha e plástico (17,4%).

Setorialmente, ainda no índice mensal, o número de horas pagas cresceu em quatorze dos dezoito ramos pesquisados, com os principais impactos positivos vindos de máquinas e equipamentos (12,4%), alimentos e

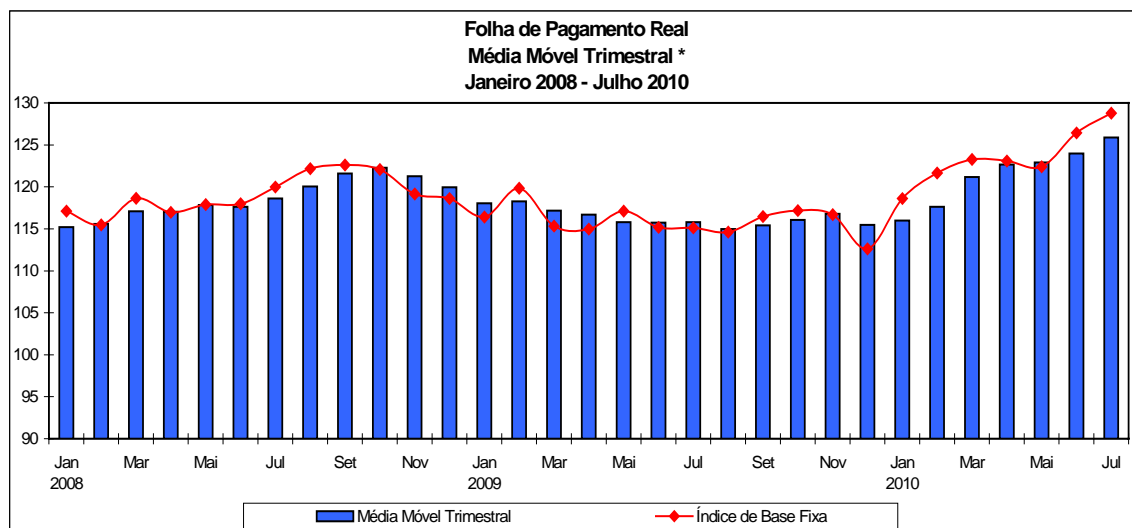
bebidas (4,0%), meios de transporte (10,4%), produtos de metal (10,7%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (10,0%) e metalurgia básica (16,6%). Em sentido contrário, as atividades de refino de petróleo e produção de álcool (-7,0%) e de vestuário (-1,7%) exerceram as maiores pressões negativas no total do número de horas pagas.

O indicador acumulado nos sete primeiros meses do ano apontou expansão de 3,8%, com avanço no número de horas pagas em todos os locais pesquisados. A principal influência sobre a média nacional permaneceu sendo observada em São Paulo (3,9%), vindo a seguir região Nordeste (4,7%), Rio Grande do Sul (4,3%), região Norte e Centro-Oeste (4,2%) e Rio de Janeiro (6,3%). Nestes locais, os maiores avanços foram assinalados, respectivamente, em meios de transporte (6,0%), alimentos e bebidas (4,3%) e papel e gráfica (8,1%); calçados e couro (16,2%) e alimentos e bebidas (5,5%); máquinas e equipamentos (13,1%) e outros produtos da indústria de transformação (13,1%); minerais não metálicos (22,9%) e alimentos e bebidas (1,9%); e alimentos e bebidas (15,7%), metalurgia básica (29,5%) e meios de transporte (11,4%).

Em termos setoriais, ainda no índice acumulado no ano, quatorze ramos aumentaram o número de horas pagas no setor industrial, com alimentos e bebidas (3,0%), meios de transporte (7,8%), máquinas e equipamentos (7,5%), produtos de metal (5,9%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (6,7%), têxtil (6,9%) e calçados e couro (5,7%) exibindo as principais pressões positivas. Por outro lado, os maiores impactos negativos vieram das indústrias da madeira (-7,7%) e de vestuário (-1,4%).

FOLHA DE PAGAMENTO REAL

Em julho de 2010, o valor da folha de pagamento real dos trabalhadores da indústria ajustado sazonalmente cresceu 1,9% em relação ao mês imediatamente anterior, após expansão de 3,3% em junho. Com estes resultados, o índice de média móvel trimestral avançou 1,5% entre os trimestres encerrados em junho e julho, sétima taxa positiva consecutiva, acumulando ganho de 9,0% nesse período.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria
*série com ajuste sazonal

No confronto com iguais períodos do ano anterior, o valor da folha de pagamento real mostrou expansão de 11,2% frente a julho de 2009, sétima taxa positiva consecutiva e a maior desde março de 2004 (12,5%), e crescimento de 5,6% no índice acumulado dos sete primeiros meses do ano. O indicador acumulado nos últimos doze meses, em trajetória ascendente desde dezembro de 2009 (-2,7%), cresceu 1,2 ponto percentual entre os meses de junho (0,0%) e julho (1,2%), e assinalou o primeiro resultado positivo desde agosto de 2009 (0,5%).

Em julho de 2010, o valor da folha de pagamento real avançou 11,2% no índice mensal, com taxas positivas em todos (14) os locais pesquisados. Os impactos mais relevantes sobre o total do país foram assinalados por São Paulo (5,6%), impulsionado em grande parte pelos ganhos vindos de máquinas e equipamentos (9,1%), refino de petróleo e produção de álcool (37,3%) e máquinas, aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (11,4%); e Rio de Janeiro (35,4%), por conta principalmente dos setores extrativo (100,8%), de refino de petróleo e produção de álcool (123,0%), ambos influenciados pelo pagamento de bônus e participações nos lucros em importante empresa de seus setores, e de meios de transporte (15,8%). Em seguida, vale citar também os resultados positivos vindos da região Nordeste (19,3%), em razão dos avanços registrados na indústria extrativa (82,2%), refino de petróleo e produção de álcool (68,3%) e alimentos e bebidas (10,2%); e região Norte

e Centro-Oeste (14,5%), devido aos aumentos salariais nos setores extrativos (38,6%), de alimentos e bebidas (7,3%) e de minerais não metálicos (48,3%).

Setorialmente, ainda na comparação com igual mês do ano anterior, o valor da folha de pagamento real cresceu em dezesseis dos dezoito ramos investigados, com destaque para indústria extrativa (61,2%), refino de petróleo e produção de álcool (47,4%), máquinas e equipamentos (11,8%), alimentos e bebidas (6,8%) e meios de transporte (7,4%). Em sentido contrário, as duas taxas negativas foram assinaladas nos ramos de papel e gráfica (-1,2%) e do fumo (-0,8%).

O indicador acumulado nos sete primeiros meses do ano cresceu 5,6%, com o valor da folha de pagamento real avançando em todos os locais pesquisados, com destaque para São Paulo (4,1%), Rio de Janeiro (8,8%), Paraná (8,9%) e região Norte e Centro-Oeste (8,4%). Nestes locais, os maiores ganhos na massa salarial foram registrados, respectivamente, em máquinas, aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (13,5%) e papel e gráfica (6,8%); meios de transporte (20,2%) e metalurgia básica (23,9%); meios de transporte (15,4%) e máquinas e equipamentos (18,7%); e alimentos e bebidas (6,4%) e indústria extrativa (17,8%).

Em termos setoriais, ainda no índice acumulado no ano, também se observou perfil generalizado de crescimento, com dezesseis das dezoito atividades ampliando o valor real da folha de pagamento. Os ramos de meios de transporte (6,1%), alimentos e bebidas (5,8%), máquinas, aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (10,8%), máquinas e equipamentos (5,0%) e papel e gráfica (6,2%) apontaram as principais influências positivas no total da indústria, enquanto madeira (-4,4%) e fumo (-0,3%) exibiram as duas únicas taxas negativas.